

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes Comitê Política e Juventudes Religião e política – Reunião 1

A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizem e compartilhem as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é Juventudes, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.

Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate Religião e política – parte 1, realizado em 09 de agosto de 2021, no âmbito do Comitê Política e Juventudes.

CONVIDADOS

- **JOÃO LUIZ MOURA:** é coordenador de projetos no Instituto Vladimir Herzog, pesquisador visitante no Instituto de Estudos da Religião (ISER), membro dos grupos de pesquisa Direito e Subjetividade Jurídica, na Universidade de São Paulo, e Estado e Direito no Pensamento Social Brasileiro, na Universidade Presbiteriana Mackenzie;
- **LUIZA CAMARGO:** é advogada, coordenadora adjunta da Comissão Justiça e Paz do Regional Sul 1 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), integrante da Pastoral da Juventude e da articulação da 6ª Semana Social Brasileira;
- **WESLEY TEIXEIRA:** é cofundador do pré-vestibular popular +Nós e do Movimenta Caxias, em Duque de Caxias (RJ). Integra o PerifaConnection, a Coalizão Negra por Direitos e o coletivo Esperançar, além de atuar como secretário executivo da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito;
- **ANA CRISTINA BRAGA MARTES** (mediação): foi professora na Fundação Getúlio Vargas (FGV), pesquisadora visitante na Universidade de Boston (EUA), com pós-doutorado na Universidade de Londres (Inglaterra). Publicou e organizou diversos artigos, livros acadêmicos e, em 2020, seu primeiro romance, *A origem da água*. É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Qual a opinião a respeito da afirmação de que os jovens não estão sendo atraídos nem pela religião nem pela política?
- Que tipo de trabalho político as igrejas, os templos, as denominações têm feito com seus fiéis e seguidores? E especificamente com as juventudes?
- Existem ações mais permanentes de formação política ou o tema só aparece na véspera das eleições, em razão dos candidatos que as lideranças religiosas desejam promover?
- Em que medida a atuação política é importante na atuação religiosa?
- Como as formações promovidas pelas diferentes denominações têm trabalhado com seus fiéis e seguidores a questão da tolerância religiosa, em especial no que se refere às religiões de matriz africana?
- A esquerda partidária tem aprendido a dialogar com os evangélicos ou ainda predomina uma visão que desconsidera a complexidade e a diversidade no interior dessa comunidade?
- Percebe-se uma dificuldade do campo democrático à esquerda em fazer bom uso do discurso religioso. Exemplo disso é a ex-candidata à presidência Marina Silva que, apesar de se assumir evangélica, evitava misturar religião e política. Como se dá, então, a conexão entre uma proposta política de um partido e uma proposta evangélica de esquerda?
- Como as juventudes têm se relacionado com as lideranças de suas denominações religiosas? Até que ponto a formação dos jovens tem se dado mais em um processo entre pares, por meio do diálogo com pessoas da mesma faixa etária via redes como YouTube e TikTok?

DEBATE

BRASIL NA ENCRUZILHADA: UM BREVE PANORAMA RELIGIOSO E POLÍTICO

- O cenário das religiões no Brasil:
 - Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a comunidade evangélica é a que mais cresce no país – cancelamento do Censo Demográfico de 2020 impossibilitou dados mais recentes;
 - Característica das igrejas evangélicas de se fragmentarem e se desdobrarem umas das outras: movimento tem sido significativo entre evangélicos progressistas, que deixam suas congregações e fundam novas igrejas, em geral restritas em tamanho e sem recursos financeiros – enquanto há grandes igrejas com receita mensal de R\$ 2 milhões;

- Explosão de episódios de intolerância religiosa, em especial praticada por evangélicos contra religiões de matriz africana: questão passa pelo racismo presente na formação social brasileira e precisa ser considerada no interior dessa formação.

"A comunidade evangélica não saiu do nada. Ela foi gestada no pensamento social brasileiro. E o pensamento social brasileiro é racista, homofóbico, todas essas violências que a gente sabe. O que quero dizer é o seguinte: o racismo religioso no Brasil não é uma especificidade da religião evangélica. A formação social do Brasil é racista, e a comunidade evangélica percebeu que é o momento dela. Ela percebeu que está no poder."

– JOÃO LUIZ MOURA

"A religião de matriz africana é fundamental, porque ela preserva uma memória e uma história importantes. E aí, como oprimidos – a partir da teologia negra a gente entende que é parte dos oprimidos –, temos de estar ao lado nessa solidariedade. Estamos sempre nos colocando no sentido de fazer o diálogo com os nossos irmãos, para que eles entendam a importância." – WESLEY TEIXEIRA

"A questão da intolerância religiosa foi algo muito comentado e debatido dentro da Igreja Católica brasileira nos últimos anos por conta dos acontecimentos, em especial com a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, que acabou escancarando a falta de sensatez, de noção, de sensibilidade por parte, evidentemente, dos fundamentalistas. A campanha foi estruturada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), que tem como presidente a pastora Romi Bencke. Teve um cidadão que pegou algumas falas dela sobre questões morais e sexuais, tirou de contexto e lançou esse vídeo [na Internet]. Do dia para a noite, tinha mais de 300 mil visualizações. Aí a gente viu quanto temos muito a avançar na questão do diálogo inter-religioso, de perceber que somos todos irmãos." – LUIZA CAMARGO

- Já na política, para compreender como chegamos até aqui, é preciso resgatar a história recente:
 - A partir da crise do capitalismo mundial entre 2007 e 2008, instabilidades foram geradas no interior de diversas democracias. No Brasil, a crise chegou em 2013, gestada por uma série de partidos – inclusive siglas de esquerda, por certa omissão e relação com corrupções;
 - Ao mesmo tempo, viu-se em todo o mundo uma explosão de *think tanks*, entendidos como laboratórios de formação neoliberal. Presentes no Brasil desde 1980, a partir de 2013 os *think tanks* se estruturaram de modo mais radical, formando grupos – inclusive de jovens – em ideologias vinculadas à extrema-direita (exemplo: MBL). De outro lado, não houve iniciativas similares de formação por parte da esquerda;
 - Em 2013, no que começou como uma luta contra o aumento na tarifa do transporte público, jovens tomaram as ruas do Brasil, em um movimento com profundo impacto no rumo do país;

- Nos anos que se seguiram, partidos e a política institucional como um todo buscaram se valer da força política mobilizada pelas juventudes em 2013 e disputá-las para suas correntes ideológicas;
- Nas eleições de 2018, houve um número significativo de candidaturas evangélicas que, a reboque de Jair Bolsonaro, assumiram pautas de segurança pública, defesa da família e das “moralidades”;
- Diante dos resultados eleitorais de 2018, forças progressistas passaram a focar em ações de formação, inclusive com iniciativas dedicadas a lideranças religiosas na agenda dos direitos humanos.
- “Quem vai mandar agora, os católicos ou os evangélicos?”: momento atual é de disputa de hegemonia religiosa na esfera política;
 - Crescimento da comunidade evangélica deu às suas lideranças influência cada vez maior no cenário político nacional, em disputa com a comunidade católica: ambos os grupos perceberam que, se quiserem chegar ao poder, terão de fazer alianças entre si;
 - Forte presença evangélica já nos governos petistas, o que passa pelo processo de concessão de estações de rádio e canais de TV no primeiro mandato do governo Lula;
 - “Silas Malafaia fala para milhões e milhões de pessoas”: com o enfraquecimento da esquerda, direita viu a necessidade de se aproximar da comunidade evangélica para ser eleita. Para 2022, setores da própria esquerda já fazem movimentações nesse sentido.

“Na campanha presidencial de 2018, vimos a base evangélica da Marina Silva migrar para Bolsonaro em um ritmo avassalador. Parte do cálculo em manter a candidatura dela ou, por exemplo, apoiar Ciro Gomes para que ele fosse ao segundo turno foi que, se ela abrisse mão da candidatura, estatisticamente tinha um risco maior de Bolsonaro ganhar no primeiro turno, porque essa base evangélica dela migraria quase por completo para ele – o que acabou acontecendo, mas em um espaço de tempo maior. Então, de fato, as lideranças evangélicas estão muito cooptadas. O PT, que sempre teve uma relação mais instrumentalizada com alguns pastores, foi perdendo qualquer vínculo, que agora está tentando reabilitar.” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- Contexto de crises que o Brasil atravessa – sanitária, econômica, política, institucional – tem instado as entidades religiosas a se posicionarem;
 - Ações de setores da Igreja Católica para denunciar a omissão do governo federal no combate à pandemia de COVID-19 e reivindicar proteção aos direitos da população. Exemplos: Carta ao Povo de Deus, assinada por 152 bispos; e Pacto pela Vida e pelo Brasil, que mobilizou mais de cem entidades religiosas e seculares, como Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Ordem dos Advogados do Brasil (OAB);
 - Articulação de uma carta pela Comissão Justiça e Paz do estado de São Paulo elencando os problemas sociais prementes (desde o aumento da população em

situação de rua até a dificuldade enfrentada por povos indígenas em contexto urbano para se vacinarem) que foi entregue em reunião ao governador João Doria, com sinais sutis de acatamento por parte do político;

- Manifesto da Coalizão Evangélica Contra Bolsonaro: iniciativa de repúdio à agenda política e aos posicionamentos do atual presidente da República assinada por mais de 40 movimentos e coletivos evangélicos.

"Temos feito um trabalho de conscientização e de articulação que tem sido muito interessante e que tem despertado nas pessoas o papel da religião de enviá-las por meio da espiritualidade a se comprometerem com a vida." – LUIZA CAMARGO

ENTRE A FÉ E A URNA: ONDE SE SITUAM AS JUVENTUDES?

- Na religião:
 - Juventudes cada vez mais presentes nos espaços religiosos, inclusive discutindo temas como aborto e teologia queer;
 - Congressos de grandes igrejas evangélicas – em geral, ideologicamente identificadas com a direita – costumam mobilizar milhares de jovens;
 - Popularidade crescente da “teologia da prosperidade” entre as juventudes, em um entendimento de que Deus abençoará tudo aquilo que o indivíduo deseja conquistar em termos de riqueza material;
 - Ainda que a participação dos jovens seja muito sentida no campo da religião, há uma parcela considerável que desapegou da vivência religiosa, principalmente por conta das contradições percebidas nas doutrinas.
- Na política institucional:
 - Ausência de um “sentimento de pertença”: em especial as novas gerações, nascidas em um Brasil democrático, não se percebem parte de um todo nem compreendem que é preciso estar sempre atento para assegurar direitos historicamente conquistados;
 - Juventudes desinteressadas em modelos institucionais de participação política que ainda se restringem a partidos e têm viés demasiadamente eleitoral;
 - Presença dos jovens em partidos políticos é baixa quando comparada a outras faixas etárias, mas algumas siglas – principalmente de esquerda – têm feito esforços para engajá-los.

"A direita percebeu mais rápido elementos que a gente às vezes ignora. O papel que as redes sociais têm hoje na vida de um jovem é muito forte, não dá para ignorarmos um YouTuber, um gamer, um tiktoker. Não dá para fazer política para a juventude sem usar a participação dela de verdade, de fato. Muitas vezes, os partidos não permitem isso, o que

dá uma afastada. Existe uma despolitização geral na sociedade, não querem que a gente participe. Principalmente a juventude que eu represento, a juventude negra, é uma ameaça estarmos na política.” – WESLEY TEIXEIRA

- Nas intersecções entre os dois campos:
 - Há uma juventude de direita vinculada institucionalmente às igrejas. Exemplo: evento evangélico estadunidense *The Send*, que foi trazido a diferentes capitais brasileiras em 2018 com o apoio de Jair Bolsonaro e Damares Alves (ministra dos Direitos Humanos), lotando estádios de futebol com uma maioria absoluta de jovens;
 - Ainda na direita, há cursos e outras iniciativas de formação que versam sobre “ideologia de gênero”, “Escola sem Partido” e demais assuntos que estão no campo político, mas que não se apresentam às juventudes como ações em política propriamente dita;
 - Do lado progressista, diante da complexidade de pautar temas caros à esquerda no interior das institucionalidades eclesiás (como direitos reprodutivos, questões de gênero e de sexualidade), as juventudes têm optado por fazê-lo fora desses domínios;
 - Quando se candidatam a cargos eletivos, jovens evangélicos de esquerda não costumam ter interesse em assumir um recorte religioso em suas campanhas.

“Algo muito presente nas discussões [por parte da direita] é que a esquerda é aquele campo que fala sobre ideologia, enquanto a direita é o campo que fala sobre Deus. Há essa disputa dentro da comunidade evangélica. Ou seja, tudo o que a esquerda fala é ideologia, e o que a direita fala é isento, é completamente imparcial.” – JOÃO LUIZ MOURA

- Uso estratégico dos meios de comunicação *on-line* e *off-line* nos esforços de formação política dos jovens por parte das diferentes denominações, seja com recorte de direita ou de esquerda;
 - Exemplos à direita: revista dedicada às juventudes produzida pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD); perfis evangélicos no TikTok;
 - Exemplos à esquerda: canais evangélicos no YouTube, como o do pastor Henrique Vieira; cursos e formações em plataformas *on-line*, como o de teologia negra ministrado por Jackson Augusto e o da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, que articula o discurso progressista à leitura bíblica.
- Ainda que haja desafios para atrair as juventudes tanto para a religião quanto para a política, não é possível generalizar: mesmo quando há poucos jovens nesses espaços, sua presença não pode ser desconsiderada;
 - Nem sempre as ações e campanhas realizadas por grupos religiosos têm as juventudes como foco principal, mas elas inevitavelmente são impactadas.

“Minha tarefa na organização política de que faço parte é como disputar [os jovens] para uma visão de mundo. Porque, na verdade, não tem a ver com política ou com religião. Ambas trazem uma concepção de mundo, ou seja, qual mundo eu quero e como eu me

comporto a partir do que eu quero. Elas têm isso em comum. Quem diz isso é o Michael Löwy no livro A guerra dos deuses, em que ele fala que a política de esquerda europeia e a religião partem do pressuposto de fé em algo que ainda não existe e que querem que se materialize.” – WESLEY TEIXEIRA

ABRINDO CAMINHOS: AS INICIATIVAS DEMOCRÁTICAS QUE SE APRESENTAM

- No campo religioso:
 - Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): defendem um ideário comprometido com os direitos humanos que costuma ser muito atrativo ao público jovem. Muitas vezes, é a partir do contato com as CEBs que os jovens se aproximam da Pastoral da Juventude;
 - Pastoral da Juventude: possui um programa de formação integral que trabalha cinco dimensões – o jovem consigo mesmo, com os outros, com Deus, com a sociedade e com a ação. Também promove discussões sobre as condições de vida das juventudes nas diferentes regiões brasileiras e as políticas públicas atreladas a isso (exemplos: redução da maioridade penal, extermínio das juventudes negras, violência de gênero);
 - Pastoral Fé e Política e escolas de fé e política: trabalham o diálogo com a comunidade, inclusive o público jovem, para pensar a participação popular na política;
 - Missão na Íntegra: propõe uma consciência política à atuação religiosa, tendo René Padilla como principal nome na América Latina;
 - Igreja Batista em Coqueiral, no Recife (PE): comandada pelo pastor José Marcos, organiza uma escola de fé e política que forma lideranças evangélicas no sertão de Pernambuco para que atuem no campo da política;
 - Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió (AL): institucionalmente vinculada à Convenção Batista Brasileira, a igreja decidiu em 2016 aceitar entre seus membros todo e qualquer ser humano, incluindo a comunidade LGBTQIA+, o que levou à sua expulsão do rol de igrejas batistas nacionais;
 - Igreja Batista do Caminho, no Rio de Janeiro e em Niterói (RJ): liderada pelo pastor Henrique Vieira, considerado uma referência ao conseguir estabelecer diálogos para além da comunidade evangélica e aproximar a questão da teologia à vida cotidiana;
 - Mais exemplos de lideranças religiosas progressistas: pastor Levi Araújo (SP), pastor Marco Davi de Oliveira (SP), pastor Caio Fábio (DF), pastora Romi Bencke (RS), pastora Odja Barros (AL), pastora Eliad Dias (SP), padre Júlio Lancellotti (SP);
 - Coletivo Esperançar: reúne lideranças como os pastores Henrique Vieira e Ariovaldo Ramos, investindo em meios de comunicação *on-line* e *off-line* para disputar visões de mundo na comunidade evangélica;

- Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito: criada com o objetivo de marcar o posicionamento de setores evangélicos contrários ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff e à prisão do ex-presidente Lula, hoje desenvolve projetos em todo o país, como a campanha de distribuição de alimentos “Tem gente com fome”, panfletos informativos em formato gospel, a revista *A Bíblia e direitos*, programas em estações de rádio gospel e da rede do Movimento Sem Terra (MST);
- Iniciativas ecumênicas, como os Encontros Nacionais de Juventudes e Espiritualidade Libertadora: jovens de diversas denominações se reúnem para pensar a vida das juventudes a partir da análise de conjuntura nacional.

“O que a gente está fazendo [na Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito] é político. Estamos disputando uma fé de justiça e de direitos. Não é fácil fazer isso dentro das instituições religiosas, porque existe uma disputa política da prosperidade, pessoas que estão nessa teologia do sistema, e nós somos contra isso. Então, é uma disputa que está colocada.” – WESLEY TEIXEIRA

“Na Pastoral da Juventude, quando adentramos a quarta e a quinta dimensões, que pensam o jovem com a sociedade e com a ação, adentramos a questão da formação política propriamente dita: políticas públicas, como inserir o jovem na universidade, o reflexo da política na nossa vida. E depois a gente percebe quanto o jovem se sente mesmo motivado a se comprometer, seja com o bairro, seja com a cidade, seja até no sentido de se candidatar. Isso vem da fonte da espiritualidade, e aqui faço memória a Pedro Casaldáliga, um dos precursores da Teologia da Liberdade, que dizia que não tem como desassociar a vida da espiritualidade nem a espiritualidade da vida, na ideia de que uma fé sem obras é uma fé morta. É preciso se colocar a caminho, é preciso enxergar o outro, senão nada faz sentido.” – LUIZA CAMARGO

- No campo da sociedade civil:
 - Usina de Valores, do Instituto Vladimir Herzog: projeto criado entre o fim de 2017 e o início de 2018 para oferecer um contraponto aos discursos de ódio que então efervesçiam. O objetivo é articular comunicadores das periferias de quatro capitais – Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador – e formar lideranças evangélicas para uma abordagem dos direitos humanos a partir dos valores da própria teologia.

“Se recuperarmos a história dos direitos humanos, veremos que parte do que é direito positivado, ou seja, do que é escrito como direito humano foi gestada no interior de lutas por liberdade religiosa já no século XVI, por exemplo, por Roger Williams, um missionário que saiu da Inglaterra e vai para os Estados Unidos. O Instituto Vladimir Herzog percebeu que era possível falar de direitos humanos a partir da religião e conversar especificamente com a comunidade evangélica, porque é a comunidade religiosa que mais cresce no Brasil. E é também a que mais protagoniza o vilipêndio aos direitos humanos, sobretudo com religiões de matriz afro.” – JOÃO LUIZ MOURA

- No campo da política institucional:

- É possível aventar para as eleições de 2022 um número maior de evangélicos progressistas pleiteando cargos altos, mas cabe perguntar: o que essas candidaturas trarão de novidade em sua agenda política?
- Ainda que haja avanços em relação a 2018 – forçados pelo impacto da eleição de candidatos com discursos de direita e extrema-direita –, esquerda brasileira parece não articular um projeto de país que de fato considere os setores religiosos da população como sujeitos políticos plenos.

"A esquerda ainda tem muito preconceito, principalmente sobre os evangélicos. É claro que está avançando, mas isso é por causa da nossa luta, e não porque a esquerda está entendendo melhor. E também por uma questão eleitoreira de compreender que não se ganha o Brasil sem os evangélicos. Daí a fazer disso parte da construção de um projeto de país... E só vamos ter representantes [nas eleições de 2022] porque estamos dentro da esquerda brigando, dizendo que tem de haver esses representantes, que tem de fazer esse diálogo, senão isso seria negligenciado. Sendo sincero, as pessoas têm muito preconceito sobre o que é o Evangelho. Acham que o cara é manipulado, que não sabe o motivo de defender a fé dele. Não conseguem entender que muitas vezes ele é realmente influenciado por todo o conservadorismo que existe na nossa sociedade, e isso precisa ser combatido. Mas precisa ser combatido no diálogo, porque nós temos informações que ele não tem, e às vezes precisamos mais repassar essas informações para trazer consciência crítica do que simplesmente dizer para ele que sabemos mais da vida dele do que ele. Então, eu diria que sou desconfiado. E se eu, que sou evangélico de esquerda, sou desconfiado, imagina o evangélico comum?" – WESLEY TEIXEIRA

"Na minha concepção, a esquerda levou um choque. Não tem como negar que havia um distanciamento da religião. E aí, de repente, chega 2018 e o cara é eleito falando que era Deus acima de todos. E aí, esquerda? Para vocês que dizem que não se mistura política e religião, como é que fica? Então, vamos ter de olhar para isso de outra forma." – LUIZA CAMARGO

"Nós estamos diante de uma encruzilhada da história brasileira. E quem é afetuoso às religiões de matriz afro sabe que encruzilhada é o momento perfeito da vida, porque ao mesmo tempo que representa uma potência, ou seja, qual caminho eu vou escolher, também representa um grave prejuízo. Quis a história e quiseram as divindades que nós fôssemos a geração a dar uma resposta concreta para o Brasil. Hoje, nós temos o desafio de reconstruir a democracia brasileira. A questão é: como nós queremos reconstruí-la? O que os parlamentares religiosos comprometidos com a democracia vão apresentar? É a repetição ou é o novo?" – JOÃO LUIZ MOURA

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- *A Bíblia e direitos*, revista de estudos bíblicos da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (2018): <https://bit.ly/3h8zAKP>
- *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*, livro de Michael Löwy (2000)
- Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021: <https://bit.ly/38FvAgm>
- Canal no YouTube do pastor Henrique Vieira: <https://bit.ly/3jMezYd>
- Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), entidade ecumênica que realiza leituras populares da Bíblia: <https://bit.ly/3zPIAvE>
- Centro de Pesquisa e Documentação José Comblin, vinculado à Universidade Católica de Pernambuco e dedicado ao pensamento de um dos fundadores da Teologia da Libertação: <https://bit.ly/2WX1gvm>
- *Daqui pra frente*, programa do pastor Ariovaldo Ramos na Rede TVT: <https://bit.ly/3BNEIRM>
- Dom Pedro Casaldáliga em entrevista ao *Roda Viva* em 1988: <https://bit.ly/3hphaWz>
- *Esquerda evangélica nas eleições 2020*, pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) (2020): <https://bit.ly/3EoDkbg>
- Evento de lançamento da 2ª edição de *Jesus e os direitos humanos*, livro coordenado por Ronilso Pacheco e João Luiz Moura em uma iniciativa do projeto Usina de Valores, do Instituto Vladimir Herzog (2021): <https://bit.ly/3kVB5NI>
- Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR), dedicado à pesquisa e aos estudos do fenômeno religioso e suas diversas relações sociais, em especial com o direito: <https://bit.ly/3h7ZCxP>
- *Juventude, religião e política*, palestra ministrada por Regina Novaes no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ) (2019): <https://bit.ly/3zObSuK>
- *The Send*, evento evangélico estadunidense com público majoritariamente jovem realizado também no Brasil: <https://bit.ly/3jLEsaw>